



A CAIXA DE AREIA E A GEOGRAFIA ESCOLAR: UM INSTRUMENTO FACILITADOR

Solange Maria de Souza¹, Magno Miranda Gomes²

¹Discente do 7º período do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – IFRN. E-mail: solmssouza@hotmail.com

²Discente do 7º período do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – IFRN. E-mail: magnomgomes@gmail.com

RESUMO: Acreditamos que o ensino de geografia pode-se tornar mais atrativo ultrapassando a prática tradicional das aulas expositivas. Sendo assim, o professor de geografia deve encontrar meios criativos, a fim de dinamizar as aulas e torná-las mais atrativas para os alunos. Pensando nisso, o objetivo desse trabalho consiste em apresentar a importância da utilização da Caixa de Areia como instrumento que possibilita uma análise sobre as contradições e os conflitos sociais os quais refletem permanentemente no espaço geográfico. Para a construção deste artigo fizemos um levantamento bibliográfico em Livros, Artigos e Sites sobre a temática desenvolvida as quais nos possibilitou um maior embasamento acerca do assunto. Diante disso, torna-se possível o professor de geografia utilizar tal mecanismo como forma de trabalhar juntamente com seus alunos, as divergências marcantes entre o desenvolvimento acelerado imposto pelo sistema econômico vigente e as consequências disso para o meio ambiente.

Palavras-chave: caixa de areia, consumo, ensino, espaço geográfico

1. INTRODUÇÃO

A escola é uma importante instituição, que tem como principal objetivo primar pela a formação dos alunos, de modo que eles venham ter acesso a uma educação de qualidade. Com esse propósito, o educador não deve medir esforços para que o aprendizado seja uma constante na vida do aluno.

Desse modo, professor de Geografia deve pensar de maneira criativa a forma de ministrar suas aulas, a fim de despertar o interesse dos seus alunos quanto a essa disciplina e fazê-los compreender que Geografia não se resume em identificar lugares e coisas, mas sim entendê-la é expandir o olhar para a realidade socioespacial desde o local até o global e vice-versa.

Dessa forma, incentivar o entendimento do educando torna-se primordial e até prazeroso para o educador, ou como afirma SOARES NETO (2001), o professor deve se esforçar para dar o melhor de si, pois assim despertará o que há de melhor nos alunos.

O uso da Caixa de Areia é um instrumento que pode contribuir com o professor na sua tarefa docente, estimulando a criatividade dos seus alunos de maneira prazerosa e dinâmica, facilitando o conhecimento e despertando neles a consciência de sujeito autônomo de sua aprendizagem.

2. MATERIAL E METODOS

Este trabalho teve somente embasamento teórico metodológico, onde analisamos leituras crítica e reflexivas de vários autores que abordavam esta temática.

3. A CAIXA DE AREIA: DINAMIZANDO O ENSINO DA GEOGRAFIA

Segundo Cavalcanti (2010, p.37) a Caixa de Areia, como o próprio nome sugere é uma caixa cujas dimensões aproximadas são de 75 cm de comprimento, 50 cm de largura com 7 cm de altura, preenchida com areia até a metade. Além disso, para a construção de um cenário utilizam-se miniaturas variadas: objetos representando a natureza, carros, animais, bonecos e utensílios domésticos, entre outros, que auxiliam na representatividade desse cenário.

Ainda em Cavalcanti (2010, p33) a Caixa de Areia surgiu na década de 1950, sendo sua idealizadora Dora Kalff, psicóloga que adotou esse método como forma de entender os processos psíquicos de seus pacientes. A partir daí, essa técnica tem sido utilizada por profissionais da psicologia no tratamento dos pacientes das mais diversas idades como forma terapêutica. A importância desse mecanismo possibilita o sujeito expandir e exteriorizar suas emoções, suas fantasias e ideias criativas, estimulando assim o agir de forma que as pessoas adquiram confiança em si mesma.

Seguindo a mesma compreensão sobre o tema, Ammann (2004, p.48) constatou que “que a caixa de areia exerce grande poder de atração sobre crianças e adultos, pois eles têm necessidade humana profunda de dar forma e representar o seu mundo. Também sentem que esse fazer é criativo, lhes faz bem e tem propriedades curativas”.

Nesse sentido, percebemos o quanto esse objeto pode ajudar, positivamente, deixando fluir nos alunos a compreensão do espaço geográfico a partir de suas subjetividades. Pensando na possibilidade desse fazer criativo, compreendemos a importância da utilização da Caixa de Areia como um instrumento pedagógico presente nas escolas, principalmente, para as aulas de Geografia do ensino básico. A imagem abaixo representa como seria a Caixa de Areia.



Figura 1 - Cenário representando a interferência das ações humanas no espaço geográfico.
Fonte: o autor

Nessa perspectiva, ressaltamos a importância do professor de geografia trabalhar suas atividades cotidianamente em sala de aula de maneira dinâmica indo além das orientações impostas pelo currículo prescrito. Os conteúdos estabelecidos nesse currículo são colocados de forma intencional se distanciando da vida real dos alunos. Como afirma Callai (2001, p.141), “(...) quando se estudam espaços distantes e estranhos se faz com que a Geografia pareça coisa apenas de livro (...)”.

A verticalidade dessas decisões mostram bem as intenções desse processo centralizador, cuja finalidade é atender aos interesses do sistema dominante distanciando-se do caráter democrático. Na mesma perspectiva,

É consenso que as políticas educacionais iniciadas nos anos de 1990 têm se constituído em ações verticalizadas e implementadas de cima para baixo, ou seja, sem ouvir ou acatar o conhecimento produzido e acumulado ao longo



dos anos pelas mais diferentes comunidades científicas, educacionais e profissionais (...) (STRAFORINI, 2011, p. 45).

No entanto, pensar num ensino para além do currículo preestabelecido não constitui tarefa fácil para o professor, ele precisa ter em mente que ser compromissado com o ato de educar envolve dedicação, criatividade, paciência, respeito, diálogo e, sobretudo persistência. Essas qualidades deveriam ser a base do comprometimento do ser docente, principalmente do professor de geografia, tendo em vista às claras transformações que vem ocorrendo quase que instantaneamente por todo o planeta. O papel do educador não é simplesmente a transmissão do conhecimento e sim despertar nos alunos o desejo e a busca da compreensão de sua realidade, pois como evidencia Callai,

O aluno dificilmente consegue se reconhecer como ser histórico, não consegue se identificar como sujeito, na maioria das vezes, embora questione o mundo, a vida, a escola, e o que deve (ou não) aprender. O significado das diversas matérias se restringem, então, à preparação para o vestibular. Não conseguem perceber o caráter social da aprendizagem e nem a historicidade que ela traz em si (CALLAI, 1999, p. 63-64).

Nesse sentido percebemos que a maioria dos alunos que conseguem terminar o ensino médio está caminhando na contra mão desse mundo globalizado, uma vez que, nas salas de aula os alunos desde o fundamental ao médio não são levados a pensar, a questionar, a buscar resposta para as contingências da vida como agentes modificadores do espaço e sua realidade.

Isso pode ser consequência de muitos educadores ainda permanecerem presos às formas tradicionais de ensino. O problema não está na Geografia; mas, na forma que esta é ministrada em sala de aula, que visa simplesmente uma educação prática para o mercado de trabalho e escolha de cursos universitários, uma vez que,

Fazer a transição para a vida profissional pela entrada no mercado de trabalho ou escolha de curso universitário tem sido, na prática, a função deste nível de ensino. A reflexão, neste momento de tantas mudanças, é significativa no sentido de vislumbrar alternativas possíveis para tornar a escola ligada com a vida, resguardando sempre o seu papel (CALLAI, 1999 p.61).

Observamos no ensino da Geografia um lento caminhar, caracterizado pela insistência de alguns professores em desempenharem seus trabalhos baseados na reprodução dos conteúdos, como evidencia o professor Kaercher (2003), “(...) A Geografia se caracteriza por um conteudismo que, na minha hipótese, substitui a reflexão”. Ou seja, no momento em que o professor de Geografia simplesmente transmite o conteúdo, sem levar em consideração a realidade do educando, não permitindo que ele se perceba agente participante e modificador do espaço, acaba não contribuindo para uma formação crítica.

Sabemos que o professor na maioria dos casos se depara com situações das mais adversas na sala de aula, como por exemplo, a precariedade das condições físicas das escolas e a falta de materiais didáticos. Isso pode até dificultar, mas não impossibilita o caminho a ser trilhado em direção à aprendizagem, daí a importância do docente em usar de toda sua criatividade e os poucos recursos que as instituições oferecem para desempenhar o seu trabalho em sala de aula com qualidade.

Como mencionamos, o mundo vem se modificando e, as transformações no meio ambiente decorrente do desenvolvimento se faz presente no rol dessas mudanças; diante disso, o



professor de geografia pode discutir tais questões utilizando a ferramenta da Caixa de Areia para explicar e debater assuntos como: extinções das espécies animais e vegetais, poluição da água, do solo e do ar, problemas esses, que se faz presente, principalmente, nas grandes aglomerações urbanas e industriais, a derrubada das florestas para o cultivo da agricultura e expansão da pecuária, implantação de madeireiras e extrações de minérios, assim também, como outros assuntos relacionados à temática ambiental.

A partir dessa temática, o professor de geografia deve estimular e motivar seus alunos na criação de seus cenários, aguçando dessa maneira a criatividade deles quando da manipulação das miniaturas na Caixa de Areia. Estimular e motivar são palavras importantes para despertar os interesses dos alunos quanto às aulas de Geografia. A Caixa de Areia, aparentemente se caracteriza como um objeto limitado do ponto de vista dimensional; porém, possibilita ao aluno liberdade de imaginar, criar e desenvolver seu pensamento crítico sobre sua criação. É primordial que o educador encontre caminhos a fim de despertar no educando a busca constantemente do conhecer, do fazer, do resolver, mas que isso venha acompanhado de uma forma prazerosa, como descreve Assmann: (2001, p. 31) “o conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer”.

Ao abordar as problemáticas envolvendo o espaço geográfico é primordial que o professor estabeleça uma conexão entre o global como um todo e o local a nível particular, pois é importante que os alunos percebam que as ações que desempenham no seu cotidiano podem afetar de modo positivo ou negativo o mundo em vive partindo de uma escala menor para a maior ou vice-versa. Daí, a necessidade do professor em promover o ensino a partir da realidade do aluno, tendo em vista que se torna mais fácil entender o que se vivencia. Conforme Resende (2001, p.136) (...) “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) esta inserido, natureza em que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do individuo se perde e a geografia torna-se alheia para ele”.

Citamos como exemplo, a situação do lixo: o aluno pode construir um cenário na Caixa de Areia abordando a situação conflitante entre o consumo exagerado e o descarte, o lixo, para o meio ambiente; levando ele a refletir quanto ao seu papel de consumidor e cidadão.

Ao discutir o cenário, o professor pode problematizar um debate, contribuindo assim, de forma significativa no desenvolvimento dos alunos no que diz respeito a formarem novas opiniões e se posicionarem sobre determinado assunto. Desse modo, debatendo sobre seu cenário, o aluno pode compreender as transformações impactantes no âmbito sócio espacial decorrente de um desenvolvimento acelerado e sem limite. Ele pode começar pelo consumo, alertando seus alunos, a respeito da diversidade dos produtos distribuídos no mercado, fazendo com que as pessoas os desejem e os consumam de forma impensada. Esse impulso é estabelecido pela ideologia do consumo excessivo, induzindo as pessoas a obterem produtos que muitas vezes nem necessitam, conforme afirma Helene (1996, p.47) o consumo impensado tem ampliado de modo acelerado a crise ambiental. Assim os alunos poderiam refletir sobre as relações entre consumo e descarte, uma vez que ao adquirir novos produtos, aumentará cada vez mais o problema ambiental.

Contudo, os descartes geralmente, são depositados a céu aberto em grandes lixões ou, em terrenos baldios e isso torna um problema sério para toda a sociedade. Assim, todos podem discutir mediados pelo professor, tal problemática e suas consequências, tais como: acidentes e doenças que as pessoas podem adquirir proveniente de escorpião, aranha, insetos e ratos entre outros; contaminação dos rios, lagos e lençol freático tornando a água imprópria para o consumo e, ainda a questão social no que diz respeito a triste cena quando pessoas em busca de alimento destinam-se aos lixões.



O professor pode aproveitar a discussão e sugerir que os alunos baseados em seus cenários, elaborem um texto discutido possíveis soluções para esse problema, tais como: um consumo mais consciente, selecionar o lixo de modo correto (vidro, papel, metal, plástico e rejeitos), não jogar lixo na rua, pois quando são levados pela água da chuva entopem bueiros e poluem rios, além disso, o acúmulo de lixo contribui para a proliferação de animais prejudiciais a saúde humana. São muitas as soluções, o importante é que o professor debata tais problemas, de modo a despertar nos alunos uma atitude crítica fazendo-os a se posicionarem frente a essas realidades.

Outro ponto significativo desse instrumento pedagógico está em possibilitar uma maior aproximação entre os alunos. Pois o que se observa na maioria das vezes em sala de aula é certo individualismo com relação às atividades. Devemos enquanto educador encontrar meios a fim de incentivar trabalhos em equipes, concordamos com Mosca (2010, p.79) ao construir os cenários, os alunos vão compartilhado ideias criativas, falando e ouvindo uns aos outros. Trabalhar em equipe torna-se primordial e deve ser incentivado pelo professor, principalmente, num mundo marcado pelo individualismo em que as pessoas nem sequer se preocupam umas com as outras.

Ao utilizar essa Caixa de Areia, esses dois atores, professor e aluno, podem criar por intermédio do lúdico, ações que favoreça uma aprendizagem de forma prazerosa, conforme afirma Barbosa:, (2010, p. 54) “ (...) Com ela, o ser humano transforma-se, elabora melhor seu pensamento, trabalhar com mais propriedade, porque se encanta com o que realiza.” Desta forma, eles irão perceber o quanto a Geografia está interligada com suas vidas e vice versa, pois ao trabalhar com a Caixa de Areia não apenas é fundamental construir um cenário, mas sobre tudo que isso venha acompanhado de uma análise crítico reflexiva sobre as questões que permeia a vida em sociedade como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com alguns psicopedagogos e outros estudiosos da área educacional que defendem a utilização da Caixa de Areia em sala de aula, tornando as aulas mais atrativas e prazerosas, levando os alunos a se interessarem pela aula de Geografia. Nessa perspectiva, a Caixa de Areia torna-se um espaço livre, onde não é demarcado o conhecimento, as emoções, o criar e recriar. O professor torna-se um incentivador do saber, visando à autoafirmação do educando em todos os sentidos: seja moral, afetivo e intelectual. Assim, os alunos vão construindo sua autonomia na realização da sua cidadania orientada pelo educador na busca contínua pela aprendizagem e, acima de tudo, fazer com que eles compreendam que estão inseridos nesse espaço geográfico repleto de contradições.

5. REFERÊNCIAS

AMMANN, Ruth. **A terapia do Jogo de Areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade**. 2 ed. São Paulo, Paulus, 2004.

ASSMAANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 3 ed. Piracicaba/SP: Unimep, 2001.

BARBOSA, Siomara Priscila Anjos de Deus. Grão de alegria na caixa da sabedoria: experienciando uma nova tecnologia na educação infantil. - In: CAVALCANTI, Kátia. **Jogo de Areia uma abordagem transdisciplinar para a educação**. CAVALCANTI, Kátia (org) et al. Natal, RN: EDUFRN, 2010 (p. 49-69).



CALLAI, Helena Copetti. A geografia no ensino médio. Terra Livre, São Paulo, n. 14 (p.60-99) 1º semestre / 1999.

CALLAI, C. Helena, A geografia e a escola: Muda a geografia? Muda o ensino? Terra Livre, São Paulo, n. 16 p. 133-152 1º semestre/ 2001.

CAVALCANTI, Kátia. **Jogo de Areia uma abordagem transdisciplinar para a educação.** (org) et al. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

HELENE, Maria Elisa Marcondes. A comunicação em massa. In. **Ciência e tecnologia: de mãos dadas com o poder.** São Paulo. Moderna, 1996. Coleção Polêmica (p. 39-49).

KAERCHER, Nestor André. Hércules, Sísio, Atlas eram professores? Garrafas e muitas dúvidas mais na formação de professores. In: REGO, Nelson. **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global.** REGO, Nelson (org) et al. Porto Alegre: ed da UFRGS, 2003 (p. 75-103).

MOSCA, Maristela de Oliveira. Jogo de areia e música: construindo partituras na areial. - In: CAVALCANTI, Kátia. **Jogo de Areia uma abordagem transdisciplinar para a educação.** CAVALCANTI, Kátia (org) et al. Natal, RN: EDUFRN, 2010 (p. 71-85).

SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. A aula. **Geografares**, Vitória, nº 2, jun. 2001.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador. Caminhos para uma Prática de Ensino.** São Paulo: Loyola, 1986.

STRAFORINI, Rafael. **O currículo de geografia das séries iniciais: entre conhecer o que se diz e o vivenciar o que se pratica.** In: TONINI, Ivaine Maria. (org) et al. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (p. 41-56).